

Bem-querer à natureza

PROFESSORES E ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA DESENVOLVEM TRABALHO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA DESCONTAMINAR ÁGUAS DO CÓRREGO RIACHO FUNDO. COMUNIDADE PARTICIPA E APROVA A INICIATIVA

Denise Arruda

Águas cristalinas, flora diversificada e fauna em abundância. Antes da expansão habitacional, o Riacho Fundo era uma região muito rica em bens naturais. Mas a presença do homem e a falta de cuidado com a natureza degradou a vegetação e contaminou as águas do córrego Riacho Fundo, que abastece o Lago Paranoá e irriga as chácaras agrícolas da região. O que fazer para recuperar essa

perda? A Universidade de Brasília (UnB) buscou uma saída que é muito comum quando se fala em meio ambiente: a conscientização.

O projeto "Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável", elaborado pela professora Lais Mourão, da UnB, mobilizou os alunos da universidade e a comunidade do Riacho Fundo. "Esse trabalho teve início há quase dois anos. De início, estamos abordando as questões relacionadas às bacias hidrográficas. As pessoas vão apren-

der como cuidar desse bem. Os próximos passos do trabalho serão decididos com ajuda da comunidade", disse. O projeto conta com a ajuda do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da UnB. "Temos muitos professores e estudantes engajados nessa causa", informou.

A primeira tarefa do projeto era identificar na comunidade pessoas que ajudariam no trabalho de conscientização. O Comitê Comunitário de Microbacias foi criado com a participação da população "Faze-

mos reuniões todas as semanas. Nela, os participantes podem apresentar idéias para salvar o que ainda resta da vegetação local", disse Maria de Fátima Makiuchi, professora do Instituto de Física da UnB. Maria de Fátima está de licença da universidade para fazer doutorado. "Uma das vertentes do meu estudo está nesse trabalho que é estabelecer relação comunitária de conscientização e incentivar a responsabilidade social", explicou. Os principais assuntos discutidos pelo Co-

mitê são reflorestamento e transição da agricultura convencional para a agricultura orgânica.

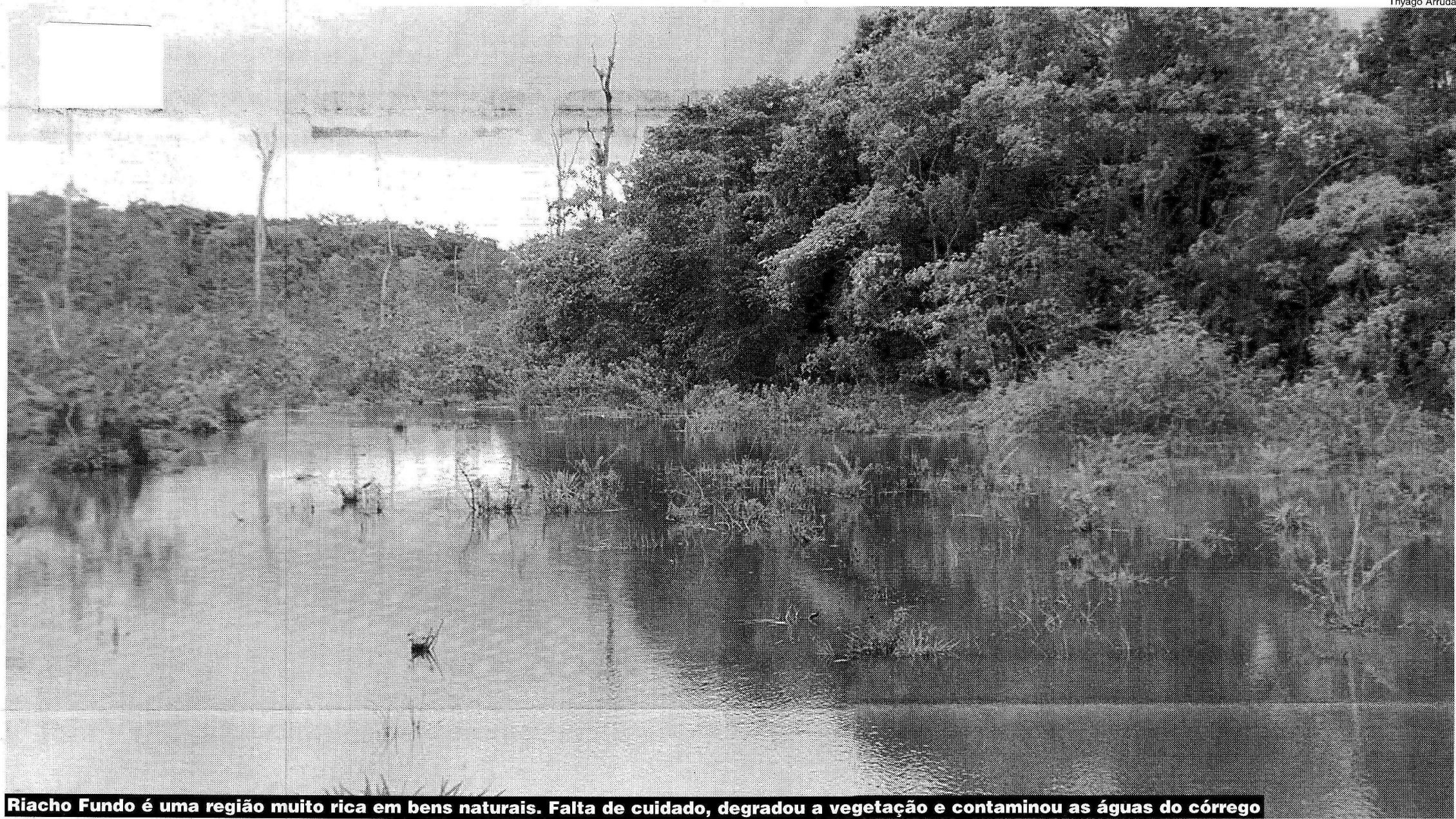
De acordo com Maria de Fátima, a população do Riacho Fundo surgiu de assentamentos. "Em grande parte, principalmente nos primeiros anos dessa cidade-satélite, as pessoas eram muito desinformadas quando o assunto era meio ambiente. Atualmente, essa ainda é a realidade do local e, por isso, estamos desenvolvendo esse trabalho", informou a professora. As condições

socioeconômicas também contribuem para a degradação ambiental. "A única saída para esse problema é a conscientização. Mesmo sem condições financeiras, as pessoas têm que saber que o lixo tem lugar certo e que as áreas verdes precisam de alguns cuidados", lembrou Maria de Fátima.

Serviço

■ Quem tiver interesse em ajudar no projeto pode ligar para 399-7845 / 435-1856 / 932-0370. Falar com Lúcia Rocha.

Thyago Arruda



Riacho Fundo é uma região muito rica em bens naturais. Falta de cuidado, degradou a vegetação e contaminou as águas do córrego

Famílias beneficiadas

A gestão do recurso hídrico no Riacho Fundo vai atingir também as populações rurais do local. A Colônia Agrícola Kanegae, composta por 40 famílias de agricultores, será a primeira a produzir dentro dos moldes de uma agricultura mais natural. O curso Capacitação em Técnicas de Agricultura Orgânica, programado para o próximo mês, será dirigido a esses agricultores e foi uma conquista do Comitê Comunitário de Microbacias com apoio do Programa Nacional de Fortalecimento de Agricultura Familiar (Pronaf) do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA).

A geóloga e coordenadora do Comitê de Microbacias, Lúcia Rocha, acredita no potencial social desse trabalho. "A conscientização ambiental também promove o trabalho

sustentável. Temos um grupo de mulheres que faz bolsas com lacres de latinhas. Foi a partir da educação ambiental que essa idéia ganhou força", contou. De acordo com Lúcia Rocha, a integração de ações em benefício do meio ambiente é uma reivindicação da comunidade. "Outras cidades-satélites também podem participar do projeto", lembrou.

Lúcia Rocha representa as intenções da comunidade dentro do Comitê de Microbacias. "Nosso trabalho é buscar a união das idéias em benefício do meio ambiente e da independência da comunidade. É difícil cobrar de pessoas que têm dificuldade financeira um trabalho mais permanente. Mas pude observar grande disposição da população do Riacho Fundo", afirmou a geóloga. (D.A.)